

O BEM ESTAR E O MAL ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

| PAULO MARCHON¹

RESUMO

O autor realiza um percurso, desde os tempos imemoriais, afirmando que a agressividade, diferentemente da violência, é inerente ao ser humano e mostra a possibilidade de a violência haver surgido na história quando o Homem deixou o regime de caça e coleta e principiou a agricultura. Aborda o desenvolvimento do superego e as modificações que o Homem vem sofrendo. Compara, através de dados históricos e estatísticos, a diminuição flagrante da violência desde os tempos antigos, passando pela Idade Média até agora. Estuda a reativação da violência desde 1960 nos Estados Unidos e no mundo ocidental, inclusive no Brasil, para mostrar que, diferentemente de todos os países civilizados, em que houve flagrante diminuição da violência, de 1992 em diante, no Brasil, houve, pelo contrário, aumento da violência interpessoal.

Palavras-chave: violência, 69 anos sem guerra entre grandes nações, redução de violência na História, contraste entre dados estatísticos e históricos brasileiros que mostram aumento da violência em 1960 e redução da violência de 1992 até agora.

ABSTRACT

The author followed a path, since immemorial times, showing that aggressiveness, different from violence, is something of the human being and also the possibility of violence having emerged in history when man left the regime of hunting and gathering and began farming. He remembers the development of the superego and the changes that man has suffered. Compares, through historical and statistical data, the striking decrease in violence since ancient times, through the Middle Ages until now. He studies the reactivation of violence since 1960 in the United States and the Western world, including Brazil, to show that, unlike all civilized countries, where there was blatant reduction of violence, after 1992 until now, in Brazil, there was, on the contrary, increased interpersonal violence.

Keywords: violence, 69 years without war between great nations, violence reduction in History, contrast with Brazil and historical and statistical data; in 1960 an increase of violence, 1992 until now violence decrease.

¹ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ, da Sociedade Psicanalítica do Recife - SPR e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza - Gepfor

Oh Senhora do sobrado,
Já que tens a mão tão certa,
Vinde buscar a oferta
Que sobrou do batizado.
Manuel Maria Du Bocage.

Um passeio à *vol d'oiseau* pelas grandes civilizações talvez nos ajude a compreender um pouco a atual. Caminhemos pelas terras sagradas do Velho Testamento e pela Mesopotâmia, a terra entre (meso) os dois rios (potamos), Tigre e Eufrates. Nesta região, que hoje constitui o Iraque, bem antes da era clássica dos gregos, nasceram os grandes impérios da Assíria e da Babilônia. Dois milhares de anos antes, porém, os Sumérios aí haviam construído uma civilização extraordinária, anterior à do Egito, tornando-se, então, a primeira civilização na face da Terra. Foram estes homens e seus descendentes que inventaram a roda, a escrita, a matemática, a astronomia, o comércio e, a partir daí, criaram o Homem Moderno.

Em 1923, Sir Leonard Wooley – o grande arqueólogo britânico – encontrou nas vizinhanças dos muros da cidade de Ur um cemitério que havia sido pilhado alguns séculos antes (Mondes perdus, p. 130-1). Este cemitério, do tempo dos Sumérios, desta primeira civilização que deu origem à nossa atual, 4500 anos antes de Cristo, representa uma manifestação emocionante do espírito humano: centenas de pessoas – da alta corte real – deixaram-se enterrar sem nenhuma reação na lixeira da cidade; talvez tivessem morrido antes, com veneno, e então sido colocadas na fossa, vestidas com suas melhores roupas e belos chapéus e recobertas com o lixo. Em uma das fossas havia sessenta e oito mulheres enterradas com seus vestidos de lã vermelha, os cabelos ornados de ouro e prata. Algumas seguravam instrumentos musicais, como liras e harpas, todos incrustados de ouro. Dava a impressão de que as mortes haviam sido suaves. Ao lado dos corpos foram encontradas taças de onde talvez tivessem tomado alguma bebida, possivelmente à base de haxixe. Em uma das inúmeras fossas, Sir Leonard encontrou duas carruagens, com as ossaturas dos bois e os corpos dos cavaleiros ou cocheiros. Em outra, repousavam soldados com seus capacetes de couro e suas lanças...

As mulheres deveriam portar um diadema de prata, mas ele não pôde mostrar nenhuma prova material deste fato.

Até que um dia ele encontrou, perto de um dos corpos, um pequeno disco de metal que se revelou ao exame ser um diadema de prata, estreitamente enrolado sobre si mesmo. Wooley deduziu que os sacerdotes deveriam entregar um diadema a cada uma das mulheres; enquanto que a maior parte delas teria tido tempo de colocar o pequeno diadema, uma jovem – atrasada para seu próprio funeral – o havia guardado enrolado em um bolso de seu vestido, que o protegeu da corrosão. Luiz Delfino, nosso poeta, cantou:

Estava no caixão como no leito,
Palidamente fria e adormecida
Por seis cavalos brancos arrastada,
O diadema das virgens sobre a testa
Em cada olhar sem luz um sol sem vida.

Vamos agora até Berlim, no ano de 1943, ocasião em que a Alemanha já sentia a derrota para breve. Goebbels – o sinistro Ministro da Propaganda Nazista – discursa para uma grande assistência, composta de alemães do mais alto nível social e cultural. Ele está propondo a todos, à Alemanha inteira, a guerra total, o mergulho de todos na morte. Eram centenas e centenas de pessoas também, nas suas melhores roupas, senhoras belamente vestidas, com chapéus, soldados e oficiais todos entusiasmados, eletrizados. Depois, o rádio difundiria para toda a Alemanha, como se fosse ao vivo, o discurso, e seria quase o país inteiro que estaria assim, eletrizado e ansiando pela guerra total ou, mais propriamente, pela sua própria morte. O pedido – ou melhor, a ordem – de Goebbels era a guerra total. Dizem que ele, após seu discurso veemente, vendo a reação eletrizada e eletrizante de todos, a fascinação dos assistentes, teria feito um comentário: “Penso que se eu os mandasse saltar do alto de um edifício, eles saltariam!” E a Alemanha saltou.

Não estamos tão distantes assim da cidade de Abrahão, Ur. Goebells e Hitler tiveram o mesmo fascínio e conseguiram que a Alemanha se imolasse no altar que eles ergueram dos 1000 anos do III Reich. Em 1962, na questão dos mísseis atômicos russos colocados em Cuba, houve um momento em que o Mundo esteve com cinquenta por cento de possibilidades de viver uma guerra atômica, segundo o

cálculo oficial do Departamento de Estado Americano. O fato foi revelado 25 anos depois, quando os Estados Unidos abriram os arquivos secretos relativos àquele episódio. O Mundo inteiro acompanhava ansiosamente a trajetória do navio russo, se aproximando de Cuba com os mísseis nucleares e a ameaça americana de abater o navio, quando, num gesto extraordinário, Nikita Kruchev deu ordem para que o navio retornasse. O mundo inteiro bendisse este ato magnífico, que foi possível mesmo numa ditadura como era a União Soviética.

Apesar da miséria, do desemprego, dos tóxicos e de guerras parciais, parece-me que algo vem ocorrendo na Idade Contemporânea – ou na Modernidade – que não tem sido suficientemente analisado: a influência da informação. Os meios múltiplos de informação, a liberdade de imprensa na maioria dos países e o senso de justiça que se desenvolve em muitas nações são motivos de uma renovada esperança na Humanidade.

A LONGA PAZ DAS GRANDES NAÇÕES – 69 ANOS SEM GUERRA ENTRE GRANDES NAÇÕES

Hoje, com os computadores e as redes sociais, provavelmente os perversos ainda prenderiam e matariam as Anne Frank. A diferença é que o mundo inteiro saberia quase no mesmo momento, como ficou sabendo, recentemente, na Guerra dos Balcãs, das cartas sofridas de uma meninazinha Ziata Filipovic, uma nova Anne Frank. Suas cartas foram publicadas logo que foram encontradas. O ultra direitista francês Le Pain faz um *tour de force* para negar as atrocidades nazistas, mas encontra repulsa mundial. Relembremos ainda o *impeachment* de Richard Nixon e, por que não, o *impeachment* de Fernando Collor, marcos importantes de que os homens poderosos podem ser destronados. Anos atrás, houve os quinhentos dias de prisão de Augusto Pinochet, a sentença de 45 anos de prisão proferida contra um alto oficial sérvio e o julgamento do genocida sérvio Radovan Karadzic, pela Corte de Haia. São demonstrações de que ninguém mais – nem os poderosos presidentes, ditadores, generais – poderão sentir-se seguros ao praticar atrocidades.

A Europa, que vivia em guerras constantes, está unida. Os generais brasileiros e argentinos viviam se armando uns contra os outros, mantendo um clima que pretendia justificar que o nosso então Terceiro Exército, com sede no Rio Grande do Sul, fosse o maior do país. Hoje, ninguém sabe o nome de nossos generais e

quem discute com os argentinos são nossos empresários, diplomatas e presidentes. Precisamos ver o que o desenvolvimento nos trouxe através das coisas simples do mundo civilizado que vão beneficiando a classe C e muitos pobres: em muitos lugares não existe mais fome. Até o século XIX as cesarianas e todas as cirurgias eram feitas sem anestesia – algo impensável hoje – cirurgias sem anestesia – era uma ameaça presente para todos, ricos ou pobres. Os avanços da Medicina são extraordinários, propiciando uma longevidade nunca antes imaginada; Louis Pasteur, com as vacinas, eliminou algumas doenças terríveis. Durante milênios, o sofrimento de toda a humanidade, em virtude de simples necessidades do ser humano, tais como uma cárie ou uma fratura, era vivido terrivelmente. Os ferimentos eram curados com óleo fervente, uma perna com fratura exposta era serrada ao vivo, com o paciente morrendo de dor; os barbeiros faziam sangrias para todas as enfermidades. Não temos mais que temer tanto assim o homossexualismo, daí permitirmos que a homofobia se torne um crime; a escravidão acabou; a mulher conquistou o direito ao voto, assim como o analfabeto. Em Londres, a taxa de homicídios, no ano 1200, era de 100 assassinatos por 100 mil habitantes, hoje é de 1 assassinato por 100 mil habitantes e os londrinos ainda acham que está alta. As viagens duravam meses ou não podiam ser feitas; um filho que fosse para terras distantes, adeus...

Estamos assistindo a Revoluções extraordinárias sem convulsões sangrentas e odientas. Quando ocorrem as Revoluções com matanças indiscriminadas, não se podem medir as conseqüências, não se podem estudar os passos a seguir; tudo advém do momento e somos dirigidos pelos fatos e nos tornamos incapazes de dar-lhes orientação e sentido. A Revolução Francesa de 1789 culminou neste ponto com o Terror.

Houve a Guerra Fria durante anos, ameaças de quase guerra nuclear como aconteceu em 1962, em torno de Cuba, mas ninguém ousou novamente utilizar as bombas que destruíram Hiroshima e Nagasaki, nem tampouco uma grande nação guerreou uma contra a outra diretamente. Os Estados Unidos, o maior país do mundo, foram vencidos, esmagadoramente derrotados na Guerra contra o Vietnã, mas não ousaram usar a bomba atômica. Todas as afirmativas de que o “Juízo Final termonuclear era inevitável”, voz corrente nos jornais da época,

não está se revelando realidade desde 1945. Nunca, em toda a História o mundo, teve um período tão longo sem guerras entre grandes nações como desde o final da Segunda Guerra Mundial. Pelo contrário, o que estamos vendo é que países europeus que sofreram perdas de milhões e milhões de vidas, que tiveram cidades inteiras destruídas, se unem e formam uma comunidade, a Comunidade Europeia. Recentemente, os países europeus sofreram graves perdas econômicas, o nível de vida dos países participantes caiu vertiginosamente e ninguém pensou em solução guerreira. Hanna Arendt comentou em *Crisis da República* (1989): “A guerra, por assim dizer, se tornou um luxo a que só pequenas nações podem se entregar ainda, e somente enquanto não forem atraídas à esfera de influência das grandes potências e não possuírem armas nucleares”. Guerra entre grandes nações é coisa para dezenas de milhões de mortos. Na Primeira Grande Guerra Mundial foram 11 milhões de mortos e na Segunda, 55 milhões. Se houver a Terceira, teremos guerra atômica com centenas de milhões de mortos. Quais países irão se expor a fazer isto?

AS GUERRAS – VERDADEIROS HEMOCLISMOS DO PASSADO

O maior desastre bélico do passado foi, no século VIII, a Revolta An Lushan, na China. Em números que os historiadores recolheram da época, seriam 36 milhões de pessoas mortas entre guerreiros e civis. Se fizermos uma adaptação dos números, tendo em vista a população da Terra na época e agora, podemos admitir que, se fosse levado em conta tal raciocínio, o número de mortos atualizado beiraria quatro centenas de milhões de mortos. As conquistas mongóis, com Gengis Kahn e seus sucessores, mataram 40 milhões no século XIII, o que corresponderia, atualizando os números, a 270 milhões de mortos. Em um honroso terceiro lugar está o tráfico de escravos no Oriente Médio, entre os séculos VII-XIX, com 19 milhões. Se atualizarmos, chegaremos a 132 milhões de mortos. Guerras napoleônicas mataram 4 milhões; atualizando, teremos 11 milhões. Guerras religiosas na França, século XVI, mataram 3 milhões, que correspondem a 14 milhões. O nosso tráfico de escravos, pelo Atlântico, entre os séculos XV-XIX, matou 18 milhões, que corresponderiam, na atualização, a 83 milhões, ocupando o oitavo lugar em número de mortes. A Primeira Guerra Mundial matou 11 milhões e a Segunda, 55 milhões.

Em 1932, respondendo à solicitação de Einstein em *Por que a guerra?* Freud afirmava:

Se nos voltarmos para os nossos próprios tempos, chegamos à mesma conclusão a que o senhor [caro Einstein] chegou por um caminho mais curto. As guerras somente serão evitadas com certeza se a humanidade se unir para estabelecer uma autoridade central a que será conferido o direito de arbitrar todos os conflitos de interesse. Nisto estão envolvidos claramente dois requisitos distintos: criar uma instância suprema e dotá-la do necessário poder. Uma sem a outra seria inútil.

Freud comenta que a Liga das Nações poderia ser esta instância, porém, tendo em vista que lhe faltava o poder, ela permanecia apenas como “uma tentativa corajosa como raramente (talvez jamais em tal escala) se fez antes”. Em seguida afirma, desesperançado quanto à possibilidade de a Liga obter tal “poder”: “E, no momento, parecem escassas as perspectivas nesse sentido”.

Norbert Elias escreveu, demonstrando uma magnífica perspectiva do mundo atual:

Reclamamos das imperfeições das atuais instituições centrais da humanidade, como a ONU, tratando-as como se representassem um estado final. Não nos assombramos com o fato de simplesmente haverem surgido tais instituições globais. Não vemos nelas sintomas de um processo que se move em determinada direção e que abrange toda a Humanidade e que são estágios num processo de aprendizagem... Foram necessárias duas guerras mundiais para dar vida às frágeis instituições... As esperanças de muitas pessoas, e talvez os esforços de algumas delas, dirigem-se à tentativa de garantir que não seja necessária a amarga experiência de uma terceira guerra mundial para impulsionar o funcionamento e eficácia dessas instituições centrais... Há muitos sinais da emergência de um novo sentimento global de responsabilidade pelo destino dos indivíduos desvalidos, independente de seu estado ou tribo... As campanhas em prol dos direitos humanos decerto extraem parte de seu ímpeto dos interesses políticos da luta entre grandes potências. (P. 138-9)

É impressionante a ascensão do prestígio da ONU. Todos os países lutam intensamente para fazer parte do seu Conselho de Segurança. É o ponto de discussão dos problemas do mundo. Sem a ONU, seria impossível estancar a epidemia do

Ebola, da AIDS, diminuir a perseguição das minorias e manter as tentativas de diálogo entre todos os povos do mundo. As grandes guerras são feitas através de discursos, por vezes raivosos. Até agora, os presidentes das grandes nações têm lançado apenas mísseis de palavras, um contra o outro, nas Assembleias e reuniões do Conselho de Segurança da ONU. Até sapatadas na mesa Krushev já deu para espanto do mundo. Mas, sapatadas não são canhões. As guerras são para pequenas nações apenas.

Habermas, provavelmente o mais importante filósofo vivo, vai muito além da ONU, pois vai até à concepção de uma Sociedade Mundial, pois, para ele, a União Europeia seria como “um passo decisivo no caminho para uma sociedade mundial constituída politicamente” (p. XIX). Pois também esse processo político, de certo modo assentido na horizontal, deve permanecer “ancorado no concerto da sociedade mundial constituída” (p.104-5) e, certamente, não apenas porque a organização mundial inspecionaria o equilíbrio fático de poder – e a representação adequada de cada um dos Estados – no grêmio de negociação transnacional.

Dispondo-se a enfrentar a realidade do ser humano, Freud escreveu em relação à possível eclosão de mais um conflito armado, conforme os séculos e todos os séculos têm demonstrado sobejamente, só que, agora, com um problema a mais:

A questão fatídica para a espécie humana parece ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e de autodestruição. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade (p.145) (os grifos são nossos).

Se já era assim em 1930, e agora, com a Bomba Atômica? – perguntamos todos nós.

Mas é possível que o movimento oposto esteja se processando na Modernidade. O Homem percebeu que estava realmente num processo de suicídio coletivo de

escala mundial. Ao tomar consciência do que era a Bomba Atômica, o Homem parou! A pulsão de Vida conseguiu diminuir a sanha da pulsão de Morte. Como Freud nos mostrou, esta luta entre Eros e Tanatos é eterna e está no nosso coração. Sérgio Rouanet, nosso filósofo e mestre em Freud, disse-nos: “A Psicanálise é que nos deu a consciência desta terrível insegurança”. Parece, no entanto, que a conscientização deste problema humano – desta Insegurança – é a melhor maneira de conduzir, de modo construtivo para a Humanidade, este conflito extraordinário entre a Pulsão de Vida e a Pulsão de Morte. Não estamos eletrizados e desejando ser hipnotizados por um Goebbels. Não estamos com Hitler, em seu “bunker”, dispostos a matar e morrer.

O livro *O mal-estar na civilização* foi escrito em junho de 1929 e entregue ao editor uma semana antes da Queda da Bolsa de Nova York – a Grande Depressão – de extraordinárias consequências para a Economia Mundial, na realidade, a globalização dos anos 30. Associava-se a isto a terrível inflação austríaca, a ascensão de Hitler e um antissemitismo intenso, em Viena e no mundo.

Em meados dos anos 30, os nazistas austríacos colocaram em prática a tática terrorista que aniquilaria a oposição na Alemanha. Hitler assassinou todos os líderes ou possíveis líderes liberais, socialistas, comunistas, destruindo qualquer possibilidade de oposição através do terror implantado. Diante disso, Freud escreveu a seu sobrinho: “A situação geral é particularmente sombria na Áustria.” Em 1938, Hitler foi recebido como herói em Viena, realizando a anexação, o *Anschluss* da Áustria à Alemanha.

Parece-me que as diferenças em relação ao mundo atual são evidentes. A Europa está unida, o Mundo enfrentou uma guerra localizada nos Bálcãs e isto não degenerou em guerra mundial, como ocorreu em 1914, com consequências que resultaram na Segunda Guerra Mundial. A ONU, a Rússia e os países ocidentais estão tentando resolver a crise da Ucrânia com saldo positivo para a PAZ. Lá, na Ucrânia, ou em qualquer ponto, pode estourar, de repente, uma Guerra Mundial Atômica. Vivemos sem garantias, mas ainda estamos vivos, para desfrutar a vida e lutar pela Paz.

O fato de viver em um mundo terrível, em que era impossível amar o próximo porque amá-lo era entregar-se nos braços de Hitler, deve ter contribuído para que o criador da Psicanálise haja escrito, na página 129 de *O mal-estar na civilização*: “cada agressão de cuja satisfação o indivíduo desiste é assumida pelo superego e aumenta a agressividade deste (contra o ego). Podemos ver ainda mais, na página 97: “Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação um instinto. Não se faz isto impunemente”. Garcia Rosa, no livro *O mal radical em Freud* (p.160 e seguintes) comenta: “O superego não é complacente com os bons e, mais ainda, o superego não é justo com os bons. É o que Freud mostra em *O mal-estar na cultura*”.

Jurandir Freire Costa, nas páginas 26 e 27 de seu livro *Violência e Psicanálise*, estuda o texto de Freud *Por que a guerra?* na passagem em que ele pergunta a Einstein: “Por que o Senhor, eu e tantas outras pessoas nos revoltamos tão violentamente contra a guerra? Por que não a aceitamos como mais uma das calamidades da vida? Afinal, parece ser coisa muito natural, parece ter uma base biológica”. Logo após, relembra as seguintes palavras de Freud:

Dentre as características psicológicas da civilização, duas aparecem como as mais importantes: o fortalecimento do intelecto, que está começando a governar a vida instintiva e a internalização dos impulsos agressivos com todas as suas consequências, vantagens e perigos. Ora, a guerra se constitui na mais óbvia oposição à atitude psíquica que nos foi inculcada pelo processo de civilização e, por esse motivo, não podemos deixar de nos rebelar contra ela, (...) temos uma intolerância constitucional à guerra (...). Mas pode não ser utópico esperar que esses dois fatores, a atitude cultural e o justificado medo de uma guerra futura, venham a resultar, dentro de um tempo previsível, em que se ponha um termo à ameaça de guerra.

Este trecho de Freud parece uma estruturação muito melhor acabada dos seus conceitos do que aqueles expressos em *O mal-estar na civilização*. Observemos que ele aí está se referindo ao “fortalecimento do intelecto, que está começando a governar a vida instintiva”. Realmente realiza-se um salto valioso da concepção contida em *O mal-estar*. Acrescente-se ainda que Freud passou a ver “vantagens” na internalização dos impulsos agressivos, não só perigos como ele via no famoso *O mal-estar na civilização*. Uma modificação essencial.

Mas voltemos ao trabalho de Jurandir Freire Costa sobre o *Por que a guerra?*, quando escreve (p.27):

A trajetória de Freud, neste texto, é de grande interesse para o nosso objetivo. Após definir a violência como pura manifestação da agressividade, como algo, portanto, indomável, ele a define como instrumento ou meio de que se servem os homens para implantarem a ordem da lei e do direito. Por fim, depois de exaltar a constância e a irredutibilidade dos instintos de destruição, fecha o raciocínio afirmando a existência de uma espécie de 'instinto de paz', criado socialmente, o que deita por terra sua tese inicial. Incongruência da teoria ou fidelidade aos fatos? Pensamos que não existe a alternativa um ou outro, mas a soma de "um mais outro". Freud era bem mais atento à diversidade da vida psíquica e social que seus seguidores. De fato, atribuir à 'agressividade' toda a responsabilidade pelo aparecimento da violência da história e na cultura convence tanto quanto atribuir a responsabilidade pelo bombardeio atômico de Hiroshima à física nuclear ou às propriedades físicas do átomo. A aparente incoerência da teoria revela o que o Freud observador não pôde deixar de notar: não existe um 'instinto de violência'. O que existe é um instinto agressivo que pode coexistir perfeitamente com a possibilidade do homem desejar a paz e com a possibilidade do homem empregar a violência.

Parece-nos muito adequada a tese de Jurandir, pois a "intolerância constitucional à guerra" só se pode entender na medida em que não exista o instinto de violência e que esta, a violência, seja na realidade, criada pelo homem. O instinto agressivo, como há muito tempo vem sendo afirmado por José Cândido Bastos (1978), não é a mesma coisa que a destrutividade. Assim como o homem pode criar a violência, ele pode criar a paz. Esta perspectiva é essencial, pois retira da violência quaisquer "explicações" quanto à "naturalidade" da mesma no ser humano, o assim chamado "instinto de violência", enfoque extremamente simplista e estimulador da mesma, pois lhe conferiria o aval da ciência.

Sócrates, em *Fédon*, (p.74), diz, com toda a sua sabedoria: "na posse de bens é que reside a origem de todas as guerras".

Popper, em seu livro *Em busca de um mundo melhor* (p. 164), explica também de maneira simples o problema da guerra:

Mesmo um filósofo crítico da envergadura de Bertrand Russel acreditou que as guerras têm de ser explicadas através de razões de ordem psicológica – pela agressividade humana. Não nego a existência da agressividade, mas surpreende-me o fato de Russel não se ter apercebido de que a maior parte das guerras dos tempos modernos eclodiu muito mais pelo receio de agressão do que pela própria agressividade. Ou foram guerras ideológicas pelo medo de uma conspiração ou guerras que ninguém desejava; guerras que eclodiram muito simplesmente como resultado desse medo, numa determinada situação. Um exemplo disto é o receio recíproco de agressão, que leva à corrida ao armamento e depois à guerra; porventura a uma guerra preventiva, como Russel, um adversário da guerra e da agressão, durante algum tempo aconselhou, pois receava (e com razão) que a Rússia viesse a possuir em breve uma bomba de hidrogênio. (Ninguém no Ocidente desejava a bomba; o receio de que Hitler fosse o primeiro a possuí-la levou à sua construção).

Como se pode observar, Popper descreve um fenômeno amplamente estudado na Psicanálise, seja por Freud, com o nome de Projeção, seja por Melanie Klein, com o nome de Identificação Projetiva.

UM MERGULHO NA PRÉ-HISTÓRIA

Iniciemos pelos chimpanzés, na perspectiva de Leakey:

A ligação entre uma mãe e seu filho é a mais forte que um primata pode experimentar (p. 120).

Nas suas excursões ocasionais de caça, os babuínos e os chimpanzés podem provavelmente estar representando cenas muito semelhantes àsquelas desempenhadas pelos hominídeos, entre 4 a 15 milhões de anos atrás. Entretanto, jamais algum primata estoca o alimento para ser comido mais tarde (...) o elemento essencial da singularidade do modo de vida humano foi o pacto econômico entre os fornecedores de carne e os fornecedores de vegetais (p.121).

Jane Goodall e Diane Fossey e seus muitos colaboradores, que viveram e conviveram anos e anos com os primatas em plena floresta africana, demonstram que chimpanzés e gorilas “não são, de modo algum, criaturas irascíveis” (p.236).

Continuando com Leakey:

A primeira sacola transformou a ecologia de subsistência dos primitivos hominídeos numa economia de partilha de alimento (p.130).

Repartir e não caçar ou colher foi o que nos fez humanos (p.123).

A sacola foi essencial. Lembremos que os chimpanzés são bons tecedores. A paz e não a tensão é a marca característica das comunidades dos chimpanzés (p.136).

Na sua maioria, os primatas são criaturas gregárias: vivem em grupos e apreciam uma vida social intensa. Presumimos, naturalmente, que os primeiros hominídeos não eram uma exceção (p.137).

Os desejos de segurança e plena exploração de recursos dos primatas “devem ter chegado a nossos ancestrais (p.137).

O hábito de repartir e um senso de altruísmo altamente desenvolvido decorreram naturalmente um do outro. E o mesmo acontece também com o lazer e com a primeira sociedade afluenta (p.145).

E, sem dúvida, uma das aptidões humanas especiais que era necessária para a maior sofisticação dessa cadeia era um método de comunicação extraordinariamente eficiente: a linguagem (p.143).

Uma concepção diferente da Pré-História nos é dada por Robert Leakey – o grande arqueólogo que descobriu os fósseis mais antigos dos hominídeos. Vejamos algumas ideias dele: “Quando o conceito de agricultura apareceu pela primeira vez, há cerca de dez mil anos, precipitou o declínio (vagaroso no começo, depois mais rápido, à medida que o tempo passava) do processo de caça e coleta, o qual havia dominado a história humana durante dois milhões de anos e possivelmente muito mais” (p.90).

Entre os povos caçadores e coletores atuais estão os nossos lanomâmis e o povo !Kung. Os !Kung vivem no sul da África e são povos pacíficos. As dificuldades em relação à água dominam suas vidas, uma vez que vivem basicamente de castanhas, vegetais e caça quando possível. Vivem em grupos de 25 hominídeos ou tribos de 500. Em geral são monógamos. “E exatamente como o mundo animal, parecem organizar seus relacionamentos de modo a evitar tanto quanto possível o incesto, assim como também o fazem os humanos. A única escolha então é procurar uma companheira em outro lugar, em outro grupo” (p. 114). Desta forma, eles

constituem um pequeno grupo de uns 25 hominídeos, que se reagrupa com outros até formar uma tribo de 500. Entre estes é que eles procuram se unir. Algo assim como fazem os chimpanzés.

Bem diferentemente se agrupam os ianomâmis, que fazem suas plantações de bananas e outros alimentos numa grande lavoura perto de sua aldeia e têm que defender suas colheitas, fruto de seu trabalho. Diferentes dos povos! Kung, os ianomâmis são guerreiros (p. 247). E se casam com pessoas de tribos vizinhas inimigas para fazerem alianças. É possível que esta observação esteja de acordo com o que Engels (p.11) afirma ao dizer que a “propriedade privada não aparece na história como resultado de roubo e violência”, mas sim por causas econômicas. E, mais à frente, p. 12, “a instituição da propriedade privada deve ter existido primeiro, antes que o ladrão pudesse apropriar-se do bem de outrem, apesar da violência poder, em certos casos, substituir a possessão, mas não pode dar origem à propriedade privada enquanto tal”.

Steven Pinker apoia a ideia de que entre os anos da “anarquia das sociedades coletoras para as primeiras civilizações” que se organizaram nos anos 5 mil a.C. tenha havido uma diminuição da barbárie destrutiva. “Entre o final da Idade Média e o Século XX, os países europeus tiveram um declínio de dez a vinte vezes em suas taxas de homicídios. Os territórios se uniram sob uma autoridade centralizada e uma estrutura de comércio” (p. 23).

Tendo em vista a Grécia Antiga podemos situar em 1800 a. C. o início de sua colonização, em que o clã ou tribo desconhecia a propriedade privada, a terra era tribal e dividida por lotes para uso. Os feitos militares, contudo, eram compensados com terras especialmente valiosas, os terrenos, que não se achavam sujeitos à redistribuição, que podiam ser cercados e melhor protegidos (Fisher S. H. em *Uma nota sobre a Homossexualidade masculina e o papel da mulher na Grécia Antiga*, in Judd Marmor, *A inversão sexual*). Daí para a grande propriedade, os párias, a servidão e os escravos foi um passo.

Podemos admitir, de acordo com Freud, que os superestados sejam produtos de manobras militares bem sucedidas. O Governo Central brasileiro teve de lutar

ferozmente para manter o Brasil como é atualmente. Quase que nos transformamos em várias repúblicas ou republiquetas.

Diz Leakey:

De luta armada nos tempos passados, seja na área da agressão animal, nos fósseis despedaçados, nos sinais de canibalismo ou indicações indiretas, tais como a arte, não há nada sobre o que possamos ter a absoluta certeza, nada que possamos deduzir, a não ser que somos descendentes de ancestrais que não tinham sede de sangue. O que podemos fazer é pesar racionalmente um conjunto de incertezas e observar para que lado a balança penda. Se a agressão animal não pode ser encarada como um impulso suficiente para a guerra organizada, se os crânios dos hominídeos primitivos podem ter sido esmagados tão facilmente durante sua passagem precária para o arquivo fóssil, bem como por um forte golpe dado com um bastão de madeira, se os sinais inegáveis de canibalismo são paralelamente mais propensos a expressar o resultado de cuidado e respeito em vez de violência, e se registros de batalhas são quase ausentes antes da revolução agrícola, para que lado podemos ver o ponteiro da balança se mover? (...) o peso das evidências é favorável a um passado relativamente pacífico. Sem dúvida ocorreu alguma violência interpessoal, mas...

Leakey reafirma que nós temos sobrevivido a tudo através da partilha e da cooperação, não obstante todas as mazelas humanas. A frase de Alexandre Kojève ganha novos contornos: “Os homens não vão continuar assim a se matar uns aos outros indefinidamente”.

Bauman, em *Confiança e medo na cidade*, diz sobre os antropólogos:

Conseguiram identificar a aurora da sociedade humana graças à descoberta de um esqueleto fóssil, o esqueleto de uma criatura humanoide inválida, que tinha perna quebrada. Quebrara-a quando era ainda menino e, no entanto, ele só tinha morrido aos 30 anos. A conclusão do antropólogo era simples: aquela devia ser uma sociedade humana, pois algo assim não aconteceria num bando de animais, em que uma perna quebrada poria um ponto final à vida, pois a criatura não teria mais condições de se sustentar.

Melanie Klein, em seu livro *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*,

apresenta um quadro diferente do pessimismo freudiano de *O mal-estar na cultura* e mais condizente com o Freud de dois anos depois, o Freud da correspondência com Einstein sobre a guerra.

As miríades de possibilidades traçadas pelo grau e intensidade das condições internas com as quais o bebê vem constituído e a multivariada gama de alternativas com que realmente será recebido pelo mundo exterior realizam uma dança que vai do macabro ao maravilhoso. Estas ações e reações, que dão lugar às mais variadas interpretações pelo bebê e pela mãe, naturalmente irão influenciar as relações futuras, que, por sua vez, levarão a reinterpretar o passado, num processo sem fim que forma e constitui a mente humana.

Melanie Klein desenvolveu a hipótese de que o bebê, no início da vida, experimentaria ansiedade de natureza persecutória, devido ao fato de não poder ter a compreensão intelectual do que se passava com ele. O desconforto seria percebido como se forças hostis estivessem a lhe infligir o mal-estar. Daí a importância do calor e do amor materno desde o princípio.

O bebê teria uma percepção inata da mãe e a “sensação resultante de se sentir compreendido e amado subjaz à primeira e fundamental relação da vida: a relação com a mãe. Como esta, nos primeiros meses, representa a totalidade do mundo para o bebê, todos os sentimentos de desconforto e frustração são percebidos também como provenientes dela”.

A agressividade inata torna-se mais intensa diante de circunstâncias externas desfavoráveis e diminui com o amor oferecido pela mãe. Mas Melanie Klein adverte que os “impulsos destrutivos, que variam de um indivíduo a outro, são uma parte integral da vida mental, mesmo em circunstâncias favoráveis e, portanto, temos que considerar o desenvolvimento da criança e as atitudes dos adultos como resultantes da interação entre as influências internas e externas”.

Em relação à inveja, Melanie Klein diz que quando o bebê “sente fome ou sente-se descuidado, sua frustração leva-o a imaginar que o leite e o amor lhe são deliberadamente negados, ou seja, retidos pela mãe para benefício dela mesma.

Tais suspeitas são a base da inveja.” Mas Melanie também vê o reverso: “Quando amamos ou admiramos alguém, ou seja, ‘próximo’, incorporamos algo desta pessoa e nos enriquecemos internamente. Quando odiamos também incorporamos algo, ‘sentimos às vezes que o mundo exterior nos arruinou (...) e ficamos empobrecidos’ (p.256). Por não considerar o problema do próximo e das exigências em relação ao mesmo, Freud propõe uma interpretação ingênua do segundo mandamento e pergunta: “Por que devemos agir deste modo? Que bem isto nos trará?”.

A nosso ver, a atitude ingênua de idealização das pessoas ou seu reverso, a negação de maldade alheia, pode não nos trazer nenhum bem, mas uma atitude de interesse humano que pode resultar em nosso enriquecimento interior. Melanie Klein menciona pessoas que atribuem aos demais “bons sentimentos, base da empatia e, assim, obtêm uma resposta do mundo exterior muito boa. Elas nos provocam uma sensação de confiança e simpatia, de flagrante bem-estar”. E conclui a autora: “Não me refiro às pessoas que desejam conquistar popularidade de forma insincera. Pelo contrário, creio que são as pessoas genuínas e que possuem o sentimento de valor de suas próprias convicções as que, mais intensamente, despertam nosso respeito e nossa afeição”.

Neste particular, Freud propõe permanecer à espera do próximo: “caso mostre consideração e tolerância para com um estranho, estou pronto a tratá-lo da mesma forma (...) se aquele importante mandamento dissesse ‘Ama teu próximo como este te ama’, eu não lhe faria rejeição“ (p.109).

A condição descrita por Melanie Klein mostra uma possibilidade do ser humano que, atribuindo aos demais bons sentimentos, pode experimentar situações as mais genuínas de realização emocional. Ou seja, uma proposta de ir à procura do próximo, de despertar nele a confiança, de se sentir com força interna suficiente para conhecê-lo, identificá-lo, até mesmo poder se enganar, sem, por isto, ser tragado, devorado ou aniquilado, pelo estranho.

A defesa que Freud fez da Ciência, que era também um dos marcos do Iluminismo, foi tão intensa que chega a tornar Freud -- só nestes momentos -- um otimista. Não é gratuitamente que, em seus escritos, encontramos também frases como

“Não existe tribunal superior ao da Razão”. Um kantiano a seguir os passos do grande filósofo de Königsberg, do lema Iluminista *sapere aude*: Ousa servir-te de tua razão.

Sérgio Paulo Rouanet, em seu livro *O mal-estar na modernidade*, segue a linha traçada pelo pastor protestante Pfister e, sendo estudioso de Freud, consegue estabelecer as conexões, desdobrando à nossa frente os matizes da bandeira Iluminista atual. Como Freud mostrou, o desenvolvimento do ser humano se deu à custa de sacrifícios pulsionais. A sequência de sacrifícios que o ser humano faz em prol da cultura e da Civilização é impressionante. Vamos citar alguns: o ser humano renunciou ao incesto pela sexualidade exogâmica; depois, deixou de lado a perversidade polimórfica, trocando-a pela genitalidade. Não parou por aí: renunciou à promiscuidade, encerrando-se na monogamia. Para Freud houve ainda um momento capital da civilização: o dia em que o homem proferiu um insulto contra um oponente, em vez de lhe arremessar uma lança.

Estas renúncias dão lugar ao mal-estar, ao desconforto e, daí, ao ressentimento contra a civilização. Concluimos que cada época, de acordo com seu cortejo histórico, apresenta um tipo de Mal estar. De acordo com Rouanet, o Mal estar se manifesta “sob a forma de um grande ressentimento contra civilização. Mas, tratando-se de um Mal estar na Modernidade, o ressentimento se dirige contra o modelo civilizatório que dá seus contornos à Modernidade: O Iluminismo”. O pastor Pfister já mostrava esta realidade para Freud em carta. Este projeto – o Iluminismo -- visava à auto-emancipação de uma humanidade razoável, baseada no Universalismo, no Individualismo e no Racionalismo. Este ideal Iluminista considerava a natureza humana como Universal – idêntica em todas as partes e em todos os tempos. Quanto ao racionalismo, incluía não apenas a fé na Razão e na Ciência, mas também objetivava usá-las para tornar “mais eficazes as instituições econômicas, sociais e políticas, aumentando com isso a liberdade do Homem como produtor e consumidor de cultura, como agente econômico e como cidadão”. No que diz respeito ao Individualismo, este implica na valorização do homem por si mesmo e não por pertencer ao clã, à tribo, libertando-o do coletivo e da massificação. Esta autonomia implicaria em responsabilidade individual para com o Outro e para com a sociedade como um todo. Nós, psicanalistas, sabemos

que o ideal Iluminista pode não ser atingido, mas também sabemos que o cultivo deste ideal pode nos ajudar a tomar consciência dos desvios, dos descaminhos dos outros e nossos, principalmente nossos, porque a Psicanálise abriu luz para nossos inconscientes, mostrando-nos que temos tantas ou mais limitações do que todos os outros.

Adaptei e ampliei uma citação de Christopher Quick:

Quem disser que a qualidade da existência humana, o nível de vida, o tipo de relacionamento entre os homens e que as condições gerais de existência podem melhorar e estão melhorando é considerado otimista e irrealista. Quem disser que está ruim, e que vai piorar ainda mais, recebe o reconhecimento geral e se torna então um respeitado cientista social, valorizado como realista e se torna o único a ser levado realmente a sério.

Mas a melhora de nível de vida é mais do que evidente para muitas pessoas da classe média ou rica e se espalha para os pobres, assim como se incorporam as modificações do ser humano. Freud mostrou sua posição de forma taxativa:

Não é verdade que a mente humana não tenha passado por qualquer desenvolvimento desde os tempos primitivos e, que, em contraste com os avanços da ciência e da tecnologia, seja hoje a mesma que era nos primórdios da história. Podemos assinalar de imediato um desses progressos mentais. Acha-se em consonância com o curso do desenvolvimento humano que a coerção externa se torna gradativamente internalizada, pois um agente mental especial, o superego do homem, assume-a e a inclui entre seus mandamentos. Toda criança nos apresenta esse processo de transformação; é só por esse meio que ela se torna um ser moral e social. Esse fortalecimento do superego constitui uma vantagem cultural muito preciosa no campo psicológico. Aqueles em que se realizou são transformados de opositores em veículos da civilização. Quanto maior é o seu número numa unidade cultural, mais segura é a sua altura e mais ela pode passar sem medidas externas de coerção. (p.21)

Nas últimas páginas de *O mal-estar na civilização*, Freud disserta sobre o superego cultural, aborda o tema da ética e comenta: “Se o desenvolvimento da civilização possui uma semelhança de tão grande alcance com o desenvolvimento do indivíduo, e se emprega os mesmos métodos, não temos nós justificativa em

diagnosticar que, sob a influência de premências culturais, algumas civilizações, ou algumas épocas das civilizações – possivelmente a totalidade da Humanidade – se tornaram neuróticas?”

Freud não considera absurda ou infrutífera tal iniciativa, porém refere-se às dificuldades diagnósticas e, principalmente, à questão relacionada a quem teria autoridade para impor tal tipo de terapia.

A unificação da Europa e a prisão de Pinochet e outros tiranos da Sérvia e de alguns outros países, a solução da questão dos Balcãs, do IRA, os esforços para resolver o problema da Ucrânia, conflitos que eram insolúveis alguns anos atrás, hoje podem ter solução, sem desencadear guerras. Freud continua: “No entanto, e a despeito de todas essas dificuldades, podemos esperar que, um dia, alguém se aventure a se empenhar na elaboração de uma patologia das comunidades culturais”.

Violência das violências nas comunidades culturais civilizadas, para vergonha de todos nós, é a miséria – esta sim é a patologia – de parcelas imensas destas “comunidades culturais”. Só que a patologia é dos ricos que estão fazendo, criando a miséria.

Ao lado disto há uma divinização dos ricos: Bill Gates é um exemplo clássico. Uma fortuna deste porte, para ser obtida, precisa ser baseada na apropriação indébita dos bens de toda uma população que dependa daqueles bens que ele inventa e produz. Em outros termos, toda uma população mundial contribui para essa riqueza. Os miseráveis é que pagam mais. Haverá dia em que tais riquezas serão consideradas verdadeiros assaltos à população.

Nos países mais ricos há flagrante diminuição da violência: “Em fins do século XIX, a Europa tinha um núcleo pacífico nos países industrializados setentrionais (Grã Bretanha, Alemanha, França, Dinamarca e Holanda), rodeados pelos mais rudes (Irlanda, Áustria-Hungria e Finlândia), que, por sua vez, tinham fronteiras com as mais violentas Espanha, Itália, Grécia e países eslavos” (Pinker, p. 187).

Sabe-se que os pobres são desprezados e maltratados pelos Juizes, policiais e defensores públicos. Eles têm que fazer justiça pelas próprias mãos. Vivem em estados sem leis.

Parece-me difícil acreditar que a miséria no Mundo ainda vá manter-se por mais de um século. Custa-me acreditar que a conscientização dos problemas não nos conduza a soluções pacíficas. O desenvolvimento da Informação, a Educação que se espalha por todos os níveis sociais, a consciência de que a Razão, a argumentação, o conhecimento são valores, tudo isso pode propiciar resultados que as revoluções sangrentas não conseguiram. Estes fatores conduzem-nos a interrogar se também não será possível construirmos neste século uma civilização que possa sentir-se de tal maneira segura que, em outro século, consiga prescindir da propriedade privada. Essa – a propriedade privada -- é o bastião da nossa Insegurança e Egoísmo, evidência de que vivemos no reino da Falta, da Voracidade, ou, mais precisamente, no Mal estar da Voracidade.

Podemos sonhar com o poder do Ser Humano para o Bem e, daí, sonhar com o Bem estar, com a Abastança, conscientes de que todo cuidado é pouco e que a Queda é sempre possível. Sobre a Abastança podemos ler Daniel Bel que, já em 1977, dizia:

Nada deveria obscurecer o extraordinário feito para o qual Keynes atraiu as atenções. Pela primeira vez na história da humanidade, lembra-nos ele, o problema da sobrevivência, no sentido estrito da palavra -- libertação da fome e das doenças -- já não precisa existir. A questão que se propõe agora à raça humana não é a da sobrevivência e sim a dos padrões de vida, não é de Biologia e sim de Sociologia. As necessidades básicas são saciáveis e é real a possibilidade da abundância. Sob este aspecto, a visão de Marx-Keynes referente ao significado econômico da sociedade industrial, é indiscutivelmente verdadeira.

A sofreguidão com que desfrutam dos bens da Terra as classes rica e média dos sete países mais ricos do mundo, bem como as mesmas classes nos demais países – inclusive o Brasil, exemplifica a afirmação de Bell de que o problema atual é sociológico e não biológico.

A Sociedade que se desenha atualmente, com estas possibilidades, incluindo a perspectiva de limitação do autoritarismo, governos democráticos com liberdade de expressão, justiça mais acessível, bem como educação e saúde suficientes, teria talvez condições para modificar, depois de um tempo razoável de viver em uma maior segurança, as noções de valores dos seres humanos.

Alexandre Koyré, no *Estudo da história do pensamento filosófico* (p. 248 a 250), escreveu:

[...] mesmo que em sua fase inicial, os delitos do maquinismo [a inteligência técnica do homem] (exceto no plano estético) tenham sido muito menores do que se diz. Sem dúvida, não se pode ler sem revolta as descrições da miséria atroz das classes operárias na primeira metade do século XIX que foram coligidas, por exemplo, por Engels e Buret. E menos ainda se pode ler, sem repugnância e horror, as produções da propaganda capitalista que defendiam em nome da liberdade e do cristianismo o direito do patrão fazer trabalhar crianças nas minas e mandar para a rua os operários doentes ou idosos (...). “A história da acumulação capitalista, tal como é contada por Marx na primeira parte do *Capital*, não é uma história bonita. Nem uma história muito edificante. E, no entanto, eu temo bastante que, ao afirmar que a situação das classes trabalhadoras piorou em decorrência da Revolução Industrial, cometa-se um erro muito grave não determinando suficientemente os termos da comparação. Sem dúvida alguma, se nos limitarmos a comparar o nível de vida do operário do início do século XIX com o do artesão do século XVII ou do XVI, essa asserção é na verdade falsa se lhe dermos como frequentemente se faz um alcance geral. É preciso resistir à miragem romântica e sua idealização das “guildas” e dos “mestres-artesãos” e, em contrapartida, é preciso não esquecer nunca o fato de que o artesão medieval trabalhava, sobretudo para uma clientela restrita e rica, que seus produtos eram tão caros que atualmente seriam classificados entre os objetos de luxo e que, apesar disso, [havia] a persistência da utilização da força humana como força motriz e fonte de energia, pois eram os homens que faziam girar os tornos dos torneiros e a roda dos oleiros, eram os homens e não os cavalos ou as quedas d’água que, na grande maioria dos casos, acionavam as serras e os aparelhos para levantar pesos, eram os homens que faziam funcionar os foles das fundições e das ferrarias, o que implicava a existência de uma grande massa de trabalhadores não

qualificados, cujo modo de vida e nível de existência diferia completamente do modo de vida e nível de existência de um armeiro, um joalheiro ou um mercador de panos.

Em termos atuais corresponderiam a uma Daslu, uma Armani ou uma empresa Rolex dos tempos medievais, com sua clientela privilegiada e seus artesãos requintados. Concluindo:

Além disso, é preciso não esquecer que a cidade medieval (assim como a cidade do século XVI e XVII) era um oásis de bem-estar no meio da miséria atroz dos campos. Pois o camponês (...) era pobre. Muito pobre. (...) é preciso não se deixar influenciar pela imagem da Old merry England; é preciso antes pensar nas sublevações, nas escassezes e, sobretudo, na realidade demográfica: no fato de que, até a Revolução Industrial, a população da Inglaterra oscilou entre quatro e sete milhões de habitantes, sem nunca ter ultrapassado essa cifra. No decorrer dos séculos XVI e XVII, a situação do campesinato inglês ainda piorou terrivelmente. A deserção dos campos e a invasão das cidades pela miséria foram os seus primeiros efeitos: foi a existência dessa massa de homens que, em suas aldeias, literalmente morria de fome, o que permitiu a industrialização tão rápida da Inglaterra e, ao mesmo tempo, determinou o nível de vida do operário. Nível muito baixo, sem dúvida, mas evidentemente, muito superior ao nível de vida camponês, já que a revolução industrial e a industrialização das cidades provocaram uma formidável expansão demográfica que, por sua vez, favoreceu o desenvolvimento sempre crescente da indústria. Poder-se-ia até mesmo sustentar que a exploração desavergonhada do trabalho e em particular do trabalho das crianças é que foi o fator – ou um dos fatores – determinantes dessa expansão demográfica: as crianças que trabalham, produzem, e, com isso, aumentam a massa dos bens – de comida – que a classe laboriosa usufrui ou que partilha”.

É terrível, mas isto acontece ainda hoje de forma corriqueira, constituindo uma extraordinária agressão à infância e também à nossa consciência. A exploração do trabalho infantil na China, Ásia e África é inclemente.

Continuando sua exposição, Alexandre Koyré, de maneira comovente, escreve em relação ao progresso:

Essa expansão demográfica, resultado da baixa da mortalidade infantil e

da mortalidade em geral, é em si um bem ou um mal? A concentração de massas humanas cada vez mais numerosas nas grandes cidades, que a técnica moderna, a do transporte, tornou possível, é um bem ou um mal? As opiniões, sem dúvida, podem estar divididas. É verdade que tínhamos mais espaço quando éramos menos numerosos; é verdade também que a paisagem camponesa é mais bela e falando genericamente, até mesmo mais humana do que os desertos de pedra e de cimento de nossas grandes capitais. A máquina, quero dizer, a inteligência técnica do homem, manteve a sua promessa. Agora, cabe à sua inteligência política e à sua inteligência tout court decidir para que fins ele empregará a potência que foi colocada à sua disposição.

Esta é a nossa função e a nossa crítica constante ao sistema terrível de enriquecimento brutal de uma minoria, o enriquecimento dos países chamados desenvolvidos, em detrimento dos povos miseráveis da Terra. A crítica constante nossa e o desenvolvimento de leis para diminuir a voracidade dos ricos são atitudes que poderão influir para um mundo melhor.

Em *Modernidade líquida* (p. 161-2), Bauman refere-se às descobertas do economista Paul Bairoth:

Por algumas estimativas, a renda per capita na Europa ocidental no século XVIII não era mais que 30% mais alta que a da Índia, África ou China daquelas épocas. Porém, pouco mais de um século foi suficiente para transformar drasticamente a proporção. Por volta de 1870 a renda per capita na Europa industrializada era 11 vezes maior que nos países mais pobres do mundo. No curso do século seguinte este fator quintuplicou, chegando a 50 em 1995. Como indica o economista da Sorbonne Daniel Cohen, “arrisco afirmar que o fenômeno da desigualdade entre as nações é de origem recente; é produto dos últimos dois séculos.

Bauman acrescenta: “E assim também a ideia do trabalho como fonte de riqueza, e a política surgida dessa suposição e guiada por ela”.

Thomas Piketti, um economista francês, escreveu um livro que se tornou famoso, *O capital no século XXI*, em que faz um histórico da evolução do Capitalismo, uma dura crítica às desigualdades sociais e sugere a adoção de um imposto de até

80% sobre o patrimônio dos mais ricos, o que implica transparência absoluta de todos os ganhos e, conseqüentemente, fim dos paraísos fiscais e das desigualdades fiscais entre os diversos países do mundo. A ONU seria diferente. O dinheiro é que poderia ser bloqueado e não os alimentos. Dinheiro parado não rende, nem na China.

Um grande economista brasileiro declarou que, se não existissem paraísos fiscais, seria possível saber a origem de todo e qualquer dinheiro, mesmo que fossem apenas dez centavos. Parece, no entanto, que isto implica também permitir-se ver os sinais de modificações positivas, assim como esta proposta de Piketti, alento e estímulo para outras modificações, maiores, mais profundas, em benefício de nossos irmãos miseráveis, que, por sua miséria, nos dão um terrível, imenso mal-estar na modernidade!

Mas, voltemos ao Bem estar: Steven Pinker escreveu um livro em que mostra uma perspectiva bem interessante:

Este livro – Os anjos bons de nossa natureza, diz seu autor – trata de um acontecimento que pode ser o mais importante de toda a história humana. Acredite se quiser – e sei que a maioria não acredita – a violência vem diminuindo desde o passado distante, e hoje podemos estar vivendo na era mais pacífica que nossa espécie já atravessou. É verdade que este declínio não tem sido uniforme, que ele não zerou a violência e que não há garantias que continue. Mas o avanço é inconfundível, visível em escalas que vão de milênios a meros anos, das guerras até o castigo físico das crianças (p.19).

Dentro desta toada, Popper, em 1989, descreveu o melhor dos mundos que houve até agora (p.89):

Porém a minha tese relativamente à atualidade é a seguinte; aqui no Ocidente – eu sei que existe também um terceiro Mundo, onde as coisas são diferentes – aqui no Ocidente vivemos no, em termos relativos, melhor mundo, no mais justo, mais solidário que jamais houve na história: no mundo livre, no mundo onde temos as maiores possibilidades, num mundo onde podemos falar livremente. Um mundo como nunca antes houve. Queria ainda acrescentar que as virtudes do nosso mundo foram em parte geradas por marxistas.

Há, no mundo inteiro, conflitos entre países menores, entre muçulmanos e judeus, bem como estão ativas as atividades terroristas da Al-Qaeda e outras organizações. Há um preço a pagar pela Paz que reina entre as maiores nações da Terra. A importância da ONU é cada vez maior, tanto que o Brasil, Egito, Índia e outros países movem céus e terras para fazer parte de seu Conselho Permanente.

Não se pode afirmar que não haverá Guerra entre Grandes Nações, mas já houve inúmeros motivos e tal não ocorreu nestes 69 anos da chamada Longa Paz. No entanto, pode realmente ocorrer uma Guerra entre grandes Nações pelos mais inesperados motivos. Mas será possível afirmar-se que a guerra seja uma coisa cíclica e que suíços, dinamarqueses, holandeses e espanhóis vão entrar em guerra novamente entre si, voltando a séculos atrás? Que Estados Unidos e Canadá novamente vão se guerrear? Que Inglaterra e Estados Unidos se lancem em nova guerra? Será que poderemos dizer que será possível um novo conflito armado entre França e Alemanha ou entre Brasil e Paraguai, renovando na América do Sul, uma Tríplice Aliança?

Sigmund Freud disse: “É impossível não notar quanto a civilização se constrói sobre a renúncia ao instinto”.

As estatísticas americanas elaboradas pelo FBI, pelos pesquisadores de lá e de todo o mundo têm mostrado dados impressionantes e convergentes em relação a inúmeros aspectos da atividade humana. Vejamos alguns deles:

1. Homicídios em Londres por 100 mil habitantes, no ano 1200: 100 homicídios; Homicídios em Londres por 100 mil habitantes, no ano 2000: 1 homicídio.
2. Homicídios na Itália, Holanda, Alemanha, Suíça, Inglaterra e Escandinávia entre os anos 1200 e 1300: a taxa estava na faixa de 100 homicídios por 100 mil habitantes. Agora, a faixa é de um homicídio por 100 mil habitantes.
3. Percentagem de homens aristocratas da Inglaterra mortos por violência, entre 1350 e 1750, caiu de 26% para menos de 5% de mortos. Por certo, atualmente, é de ZERO % o número de aristocratas mortos por violência na Inglaterra.
4. Aos poucos o mundo civilizado foi abandonando a tortura medieval em que os condenados eram serrados ao meio vagarosamente, assados,

eviscerados, enterrados vivos; prisioneiros eram “quebrados na roda” realmente, “bruxas” eram queimadas. Jayme I de Inglaterra e Escócia escreveu livro sobre bruxaria, mandava matá-las e ia assistir a execução delas; no Coliseu, as matanças eram um espetáculo, na Revolução Francesa imperou o Terror com guilhotinados a faltar. Hoje, nos causa horror a eletrocução de um *serial killer* mesmo quando sob anestesia geral. Também acabaram os sacrifícios humanos.

5. Crescimento do número de países que favorecem minorias étnicas. Eram 6 países, em 1950, e, em 2000, eram 25. Houve decréscimo do número de países que discriminam minorias étnicas, de 44 para 15, no mesmo período.

6. Taxa de estupro e homicídio nos USA: o decréscimo é flagrante entre 1970 e ano 2010.

7. Aprovação de marido que bate na esposa: Os homens passaram a desaprovar; em 1965, o nível era 25, enquanto que em 1995, era de 15. As mulheres passaram a desaprovar: de nível 17 em 1965 para nível 5 em 1995. A queda é sensível.

8. Agressões por parceiros íntimos nos USA:

a. Em 1993: 1000 agressões por 100 mil homens ou mulheres; em 2005 diminuiu para 300 vítimas femininas;

b. Em 1993: 250 vítimas masculinas; em 2005 foram 180 vítimas masculinas.

9. Homicídios por parceiros íntimos caiu entre 1975 e 2005 de 1,5 vítima feminina para 1 vítima em 2005; vítima masculina caiu de 1,3 para 0,5 em 2005.

10. A violência doméstica no País de Gales caiu de forma semelhante.

11. Abortos: queda fulminante na Rússia, Europa Oriental, queda razoável na China, Ásia, Países Islâmicos e USA; estável na Europa Ocidental e Índia.

12. Aprovação de espancamento: Na Suécia o gráfico mostra uma queda flagrante, de 50 para 10, enquanto que nos USA é de 90 para 70. Na Nova Zelândia é de 90 para 65. No Brasil a palmada tornou-se crime.

13. Estados americanos que permitem castigos corporais na escola: de 1954 a 2005, de 100 caiu para menos de 50.

14. Maus tratos em crianças nos USA:

Em 1990: Maus tratos físicos foram 350; em 2007 foram 200.

Em 1990: Abusos sexuais foram 220; em 2007 foram 100.

15. Entre 1975 e 2005 a percentagem de residências americanas onde há caçadores caiu de 32 para 18 por cento.

16. Proporção de livros na língua inglesa que usam as expressões “direitos

civis” e dos animais, gays, mulher entre 1948 e 2000: as curvas vão do Zero ou 40 e atingem todas ao topo, 100.

17. Taxa de mortes por terrorismo na Europa Ocidental entre 1970 e 2007: saem de 0,12 mortes por 100 mil pessoas ao ano, em 1975; tem picos elevados em 1980 e 1990, descem até menos de 0,02 em 2007;

18. Taxa de mortes em genocídio: há uns picos em 1971, 1976, 1993 e depois uma tendência a zero em 2006.

19. Libertação de Mandela e fim do *apartheid*.

20. Rosa Parks, Martin Luther King e a luta pelos direitos dos negros.

21. Linchamentos nos USA: em 1880 foram 150 enquanto que em 1960, zero.

22. Crimes de ódio letais contra afro-americanos em 1996 foram 5; em 2008, ocorreu apenas uma morte.

23. No mesmo período a intimidação aos afro-americanos caiu de 7 para 4, enquanto que a agressão qualificada ou simples teve apenas um ligeiro declínio; entre 1900 e 2004 o número de pedidos de desculpas dos líderes religiosos e políticos saiu de zero para a cifra de 90.

O grande filósofo David Hume cunhou uma frase que ficou célebre no mundo inteiro: “a razão é e deve ser a serva das paixões”. Todos nós conhecemos esta afirmativa que reboia na mente de todos nós. Porém ignoramos que ele também afirmou:

É inquestionável que existe alguma benevolência, ainda que pequena, infundida em nosso peito; alguma centelha de amizade pela espécie humana; alguma partícula da pomba misturada em nossa estrutura, junto com elementos de lobo e de serpente. Deixemos que se suponha que esses sentimentos generosos são tão fracos, que são insuficientes para mover sequer uma mão ou mesmo um dedo do nosso corpo: eles, mesmo assim, ainda podem dirigir as determinações de nossa mente e, onde tudo o mais seja igual, produzir uma tranquila preferência por aquilo que seja útil e aproveitável para a humanidade, acima do que seja pernicioso e perigoso (p.765). Bion segue a mesma linha e fala em uma “razão poderosa”, que se sobrepõe aos “senhores poderosos.” (p. 49)

Isto é o que tem conseguido realizar uma importante parcela da população mundial. Se reconhecermos este aspecto positivo do ser humano e pudermos valorizar também o nosso país, que há 140 anos não guerreia com seus inúmeros

vizinhos, tal constatação talvez estimule nossa esperança em relação àqueles que não atingiram este grau de progresso. A existência de uma guerra leva os governos, os povos e as escolas a estimular a onda de violência. Quando não se vive e transpira a onda guerreira e se cultiva a paz interna, talvez se tenha chance de cultivar a não violência com os mais próximos. Freud afirmou que pais bons favorecem superegos menos perseguidores e, daí, talvez, por este motivo, tenhamos abandonado o canibalismo. O que mais podemos abandonar, em termos destrutivos?

A violência e a grosseria imperavam na Idade Média de tal maneira que Norbert Elias escreveu sobre *O processo civilizador* que tem, de alguma forma, burilado os seres humanos, embora saibamos que com terrível inconsistência em alguns setores, regiões e pessoas. Podemos sempre contar com cerca de 1 a 2% de seres humanos que “só têm de humano o gesto e o peito”, no dizer de Camões.

Norbert Elias estudou o processo civilizador que se expressou através de normas de educação e conduta à mesa e nas relações humanas: normas de não assuar o nariz na toalha da mesa, usar garfos em vez das mãos para se alimentar, utilizar a faca apenas para cortar a carne e não para limpar os dentes. Formalidade em vez da informalidade. No Brasil dos tempos ainda não muito distantes, se usavam escarradeiras. Uma das faxineiras de uma paciente de Freud se irritava com ele porque Freud cuspiu na escada (Flem, 1987). As normas incutidas e aperfeiçoadas durante séculos tiveram a função de nos civilizar. Expressões e demonstrações sexuais grosseiras foram sendo evitadas em público. Atualmente, estão voltando ao uso comum, como se pode ver em campos de futebol e músicas. Além disso, o tratamento de senhor e senhora, obrigatório antes, agora caiu em desuso.

No faroeste americano, as taxas de homicídios eram de 50 a 1500 por cem mil habitantes! “O sistema de justiça criminal tinha verba insuficiente, era inepto e muitas vezes corrupto” (p.158). O xerife seria encontrado, como se diz nos filmes de faroeste, a 150 quilômetros de distância. Só no Texas, 5 mil homens eram procurados, ou seja, estamos descrevendo, de alguma forma um retrato do Brasil atual.

A DESCIVILIZAÇÃO DE 1960

A violência nos Estados Unidos e na Europa nos anos 1960 apresentou um aumento extraordinário, passando de 4 para 10,2%, no que diz respeito à taxa de homicídios. Houve aumentos semelhantes de estupros, roubos, furtos, lesões corporais etc. Nova York foi o exemplo clássico dessa época e até agora não conseguiu voltar completamente ao que era antes, mas melhorou muito, enquanto o Brasil piora. Este aumento de violência ocorreu ao mesmo tempo em que havia crescimento econômico sem precedentes, quase pleno emprego, progresso social, níveis de igualdade econômica, florescimento de programas sociais e desenvolvimento da medicina. Torna-se difícil manter a justificativa de que os problemas econômicos seriam fatores absolutos. Mas têm uma importância muito grande: eis o Relatório da OMS de 2010: “A excessiva desigualdade de distribuição de recursos, particularmente de serviços de saúde e educação e do acesso a esses recursos e ao poder político – seja por área geográfica, classe social, religião, raça ou etnia -- são fatores importantes que podem contribuir para conflitos entre grupos”(p.219).

Vejamos as causas que Steven Pinker aponta para este aumento da criminalidade:

1. Fator demográfico: “Os anos 40 e 50, de baixíssima criminalidade, foram a época dos matrimônios. Os americanos casaram-se como nunca nem antes nem depois e se fixaram em casa. Os homens saíram das ruas e ficaram em suas casas”. Resultou no *baby-boom* que, 15 anos adiante, iria engrossar a juventude pujante. Pinker, pessoalmente, não acha que o *baby-boom* se tornou violento, mas que os jovens se uniram através da TV – era a primeira geração com TV – e, além do mais, com o transistor da Sony, com que ouviam o mundo.

2. O autocontrole de Norbert Elias do Processo Civilizatório foi mandado às favas. “A espontaneidade, a auto expressão e o desafio às inibições tornaram-se virtudes cardeais”(p.169). Não confie em ninguém com mais de 30 anos, aconselhava o agitador Abbie Hoffman. “Tomara que eu morra antes de ficar velho”. E muitos morriam mesmo de overdose e AIDS. A geração Woodstock lançava-se nua na lama e se glorificava e era glorificada pelo ato. Nenhum compromisso com ninguém e com nada, sejamos uma Rolling Stone ou uma pedra rolando. No Brasil era proibido proibir!

3. Timothy Leary, ex-professor de psicologia de Harvard, lançou o lema: *Turn on, turn in, drop out* > Ligue-se, sintonize-se, caia fora. Capas de discos não puderam chegar ao Mercado devido às baixezas que exibiam. Jimmy Hendrix fingiu copular com seu amplificador no Monterrey Pop Festival. “A glorificação da licenciosidade confundiu-se com a tolerância à violência e, por fim, com a violência propriamente dita” (p.171)... A associação com o crime não foi direta, é claro, pois, correlação não é causação e um terceiro fator, a rejeição dos valores do Processo Civilizador, presumivelmente causou tanto as mudanças na cultura popular como o aumento no comportamento violento. Da mesma forma, como correlação, talvez pudéssemos imaginar um *baby-boom* brasileiro expresso na extraordinária diminuição da mortalidade infantil no Brasil. Talvez crianças que morreriam na infância estariam hoje se tornando jovens que caem na criminalidade, na falta de uma família, por causa da fuga do pai ou sua falta de firmeza, na falta de educação e de apoio social, na tibieza da Justiça, na falta de policiamento adequado e justo, deixando-os desprotegidos e à mercê dos facínoras. Muitos deles estão em locais de nossas favelas onde não existe Lei – um Estado sem Lei -- e onde se tornam assassinos e traficantes ou são assassinados. Por outro lado, as prisões brasileiras são um estímulo à reincidência e à criminalidade. Os governantes só pensam em prisões de alta periculosidade e de alto custo. Sabemos que a maior parte dos presos deseja apenas cumprir sua pena para voltar à liberdade. Então bastariam prisões de pequena periculosidade – e não de grande periculosidade -- que funcionariam como escolas de civilidade e não de criminalidade como são as atuais. Brizola construiu escolas no Rio em pouquíssimo tempo, os famosos brizolões. Para presos de pequena periculosidade algo semelhante poderia ser construído, retirando-os das pocilgas em que estão jogados. Nossas prisões são também um motivo da alta criminalidade.

Nos anos de 1960 a 1990, além deste intenso estímulo à violência na música, na Filosofia, o então preferido e cultuado filósofo Marcuse, de certa maneira, fazia uma nova interpretação de Freud, que ligava a repressão sexual e emocional à repressão política e defendia a liberação das inibições como parte da luta revolucionária. Encrenqueiros eram vistos como rebeldes e não conformistas, ou como vítimas do racismo, da pobreza e de maus-tratos paternos (p.173).

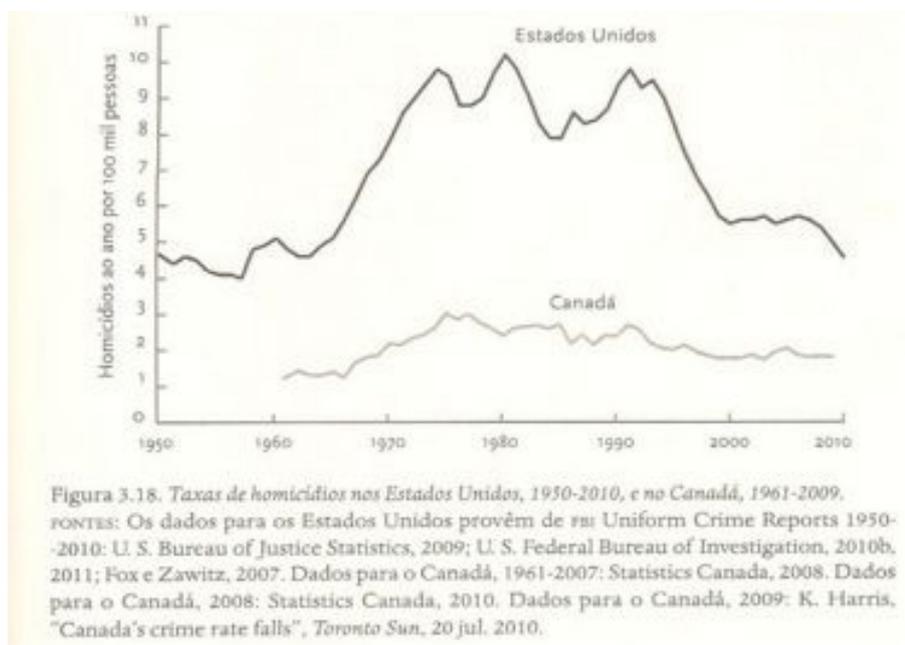
No aplauso à “vingança dos negros” pelo que sofreram no passado, um Pantera Negra, Eldrige Cleaver, escreveu: “O estupro era um ato insurrecional. Encantava-me estar desafiando e pisoteando a lei do homem branco.... eu me ressentia do fato de eles terem usado a mulher negra. Eu sentia que estava praticando uma vingança”. Que ele escrevesse um livro assim, vingativo, compreende-se, mas o extraordinário eram as críticas ao livro: no New York Times, “Livro brilhante e revelador”; no The Nation, “Um livro notável”.

As letras da música rock estimulavam intensamente a agressividade. Juízes tornaram-se influenciados e benevolentes. “A lei recuava enquanto a criminalidade avançava” (p. 174). Nos USA, de 1962 a 1979, a probabilidade de que um crime levasse à detenção caiu de 0,32 para 0,18. E houve, como consequência, a deterioração na vida dos bairros. A vadiagem foi descriminalizada. No Brasil também ocorreu o mesmo. O problema das drogas se intensificou. Certos meios sociais ricos passaram a usar a cocaína em suas festas de maneira livre. Nos festivais de música, como nas festas familiares, havia o recanto da “esquadrilha da fumaça”.

O processo descivilizador atingiu professores e escolas. Os professores, principalmente de escolas públicas da periferia, passaram a temer os alunos e os aprovavam para não serem atacados. E, em especial, as comunidades afro-americanas foram atingidas pelo processo descivilizador. No Brasil, Fernandinho Beira-Mar era um herói a ser endeusado em reportagens, entrevistas, em todas as televisões, jornais e revistas, em vez de ficar preso em regime especial.

A RECIVILIZAÇÃO NOS ANOS 90 NOS ESTADOS UNIDOS

Em 1992 ocorreu algo inesperado: a taxa de homicídios caiu sensivelmente e continuou a cair. Em 1999 chegou à taxa mais decente de 5,7 por cem mil habitantes. O gráfico é esclarecedor. O gráfico não é apenas um dado estatístico, não revela apenas dados frios, mas sim o direito de ir e vir reconquistado: poder andar nas ruas das cidades americanas sem os pavores de antes. As pessoas fazem sua “estatística” interior e perdem o medo.



Quadro 19

Taxas de homicídios nos Estados Unidos, 1950-2010, e no Canadá, 1961-2009. (p.177)

“Não se sabe ao certo os motivos do declínio na criminalidade, mas se podem aventar as seguintes razões”:

1. A Lei se tornou mais esperta e eficiente.
2. O Processo Civilizador conseguiu reverter e retomar sua ação.
3. Em 1990, os americanos estavam fartos dos assaltantes e vândalos, dos tiroteios, e o país reforçou o sistema de justiça criminal de vários modos. O mais eficaz era o mais simples, para os USA: colocar mais gente atrás das grades por mais tempo (sem excessos). Entre 1920 e 1970 a taxa de prisões chegou a declinar. Mas, em

seguida, quase quintuplicou. E hoje, há mais de 2 milhões de americanos presos. As greves da Polícia em Montreal, Fortaleza e Salvador dão bem o exemplo do que acontece quando não existe polícia. O pavor se instalou nestas cidades.

No Brasil, um personagem matou, pelas costas, a amante, confessou o crime, foi julgado e condenado, mas permaneceu 10 anos inteiramente livre. Por outro lado, a nossa argumentação verdadeira, de que problemas sociais seriam fatores importantes em relação aos roubos e assaltos, poderia constituir uma escusa e um estímulo à continuação de tais atividades por criminosos que não sofreram ou não estejam sofrendo estas discriminações. Nos USA, Europa e Canadá, quando houve queda econômica e desemprego, segundo essa teoria, teria havido mais atividades criminais, mas não foi o que ocorreu. Em Bogotá, com uma renda per capita a metade da nossa, conseguiu-se uma redução da criminalidade de 100 homicídios por 100 mil habitantes para 20 homicídios. Por outro lado, Noruega, Suécia e Suíça são exemplos de menores desigualdades sociais e baixíssima criminalidade. Nós, brasileiros, temos muito que melhorar neste sentido, mas é importante saber que não existe mais fome em nosso país. Se este flagelo foi eliminado, outras conquistas pacíficas hão de vir para atender à Sociedade como um todo.

Há um ou dois por cento da população geral que, por motivos que nós ainda não sabemos, têm uma tendência à criminalidade em seus diversos aspectos. Bill Clinton adicionou 100.000 policiais às forças armadas do país. Policiais a mais não só prendem mais criminosos como também são mais notados por sua presença, e assim dissuadem as pessoas de cometer crimes. Fazem ronda a pé e não dentro dos carros à espera de um chamado para só então partirem em disparada para a cena do crime. Podemos imaginar o que seria Nova York hoje se não tivessem sido tomadas as medidas que a Cidade tomou 15 anos atrás. Sem segurança temos a decadência social, econômica e pessoal. Franklin Zimring, em *O grande declínio do crime* nos USA, afirma:

Se a combinação de mais policiais, policiamento mais incisivo e reformas administrativas realmente foi responsável por até 35% da redução da criminalidade (metade do total dos Estados Unidos), esse terá sido o maior êxito na prevenção ao crime já registrado na história do policiamento metropolitano. Apesar disto, até os mais práticos estatísticos de criminalidade concluíram que boa parte da explicação tem de estar em mudanças culturais e psicológicas difíceis de explicar” (p.188) .

Lembremos que os anos 60 deram-nos um legado de lutas pelos direitos humanos, direitos civis, das crianças, conhecimento pela televisão e ao vivo dos pavores da guerra e da criminalidade, que pode haver influenciado na Revolução Humanitária. Que tal se ficássemos realmente fartos de tiroteios, vandalismo, assaltos e exigíssemos um policiamento mesmo, além de grandes melhoras nas diferenças sociais e, também, melhores prisões para aqueles que apenas querem cumprir suas penas, além de dar um Nunca Mais também para a tortura policial? E se não fôssemos insensíveis à mortalidade em nosso tráfego? Se lembrássemos que a velocidade máxima dos automóveis em Nova York é de 45 km poderíamos até fazer a correlação entre a mortalidade exagerada no tráfego e no tráfico...

REFERÊNCIAS

- Arendt, H. (1973) *Da violência. Crises da República*. São Paulo: Perspectiva.
- Bastos, J. C. (1978). Agressão: psicanálise e etologia. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* 27(1-4), 25-30.
- Bauman, Z. (2001) *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (2005) *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bell, D. (1977). *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Cultrix.
- Bion, W. (1963). *Elementos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Costa, J. F. (1986). *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal.
- Cottrell, L. (1963). Sumer: l'aube d'une civilization. *Mondes Perdus*. Paris: Editions du Pont Royal.

- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Flem, L. (1987). *Freud et ses patients*. Paris: Hachette.
- Freud, S. (1930[1929]). *Civilization and its discontents* Standart Edition, v. 21.
- _____. (1933[1932]). *Why war?* Standart Edition, v.22.
- Garcia-Roza, L. A. (1990). *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gay, P. (1989). *Freud, uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Habermas, J. (2012). *Sobre a constituição da Europa*. São Paulo: Unesp.
- Jones, E. (s.d.). *Vida y obra de Sigmund Freud*. Buenos Aires, Editorial Nova, vol. I, II, III.
- Klein, M. (1977/1959). Our adult world and its roots in infancy. *Envy and gratitude and other works 1946-1963*. The complete works of Melanie Klein. New York: Delta Printing.
- Koyré, A. (1991). *Estudos de história do pensamento filosófico*. São Paulo: Forense Universitária.
- Leakey, R.; Lewin, R. (1978). *Opovo do lago*. Brasília: Editora UNB – Melhoramentos.
- Perez, D. (1968). *Bertrand Russel* – Barcelona: Editorial Fontenelle.
- Pinker, S. (2014). *Os anjos bons da nossa natureza*. São Paulo: Cia. Das Letras.
- Platão. (1972). Fedon. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- Popper, K. (1989). *Em busca de um mundo melhor*. Lisboa: Fragmentos.
- Relatório da Organização Mundial de Saúde (2010).
- Rouanet, S. P. (1993). *Mal estar na modernidade: ensaios*. São Paulo: Cia. Letras.